

Aureliano defende uma solução política para negociação da dívida

por Pedro Lobato
de Belo Horizonte

Trazer a questão da dívida externa para o centro do processo sucessório foi, sem dúvida, um dos mais importantes pontos da mensagem do último dos presidentes a se lançar, o vice-presidente Aureliano Chaves, na sexta-feira em Belo Horizonte. Pelo menos, foi ante a sua posição em relação a essa questão que arrancou os mais demorados aplausos de cerca de 5 mil pessoas, a maioria políticos que ouviam com entusiasmo seu discurso de lançamento (abaixo, a íntegra do discurso).

Aureliano foi crítico e, ao mesmo tempo, incisivo. Para ele, os limites inquietantes atingidos pela dívida externa e suas consequências impõem a necessidade de se negociar a sua solução a nível político. E, a seu juízo, esse problema transcende a área técnica para se ligar diretamente ao presidente da República.

Novos aplausos vieram para a complementação desse raciocínio de Aureliano: "Cumprir nossos compromissos internacionais não pode, entretanto, representar o atropelamento de nosso progresso, nem reduzir nossa independência, nem ferir nossa soberania. Pagaremos, sim, tudo o que devemos com o fruto do nosso progresso, através da participação de todos, sem capitulações".

E, para arrematar o te-

ma, Aureliano lançou mão dos resultados das últimas pesquisas de opinião pública, que o colocam quase sempre como o preferido. Para ele, essa negociação deve desenvolver-se com firmeza e confiabilidade. O futuro presidente governará em momento excepcional na história republicana, exigindo, tal circunstância, "a indispensável confiança da Nação", disse.

ELEIÇÕES DIRETAS

Aureliano não se propôs a anunciar um programa

de governo e sim linhas gerais de seu pensamento. Em primeiro lugar, ele propõe uma ampla reforma constitucional, plena restauração do Estado de Direito, redução do mandato presidencial de seis para quatro anos, modificação da estrutura federal com descentralização, restabelecimento das prerrogativas do Legislativo, independência às organizações sindicais e eleições diretas em todos os níveis.

Além disso, Aureliano propõe amparo à iniciativa privada, "opção da socie-

dade brasileira no interesse do ágil funcionamento da economia de mercado e do espírito empreendedor do homem brasileiro. O gigantismo da atividade estatal tem sido danoso ao País. O pleno exercício da vida democrática é incompatível com a excessiva presença do Estado na economia", disse ele.

APOIO

"O lado certo do Brasil está com o Aureliano", disse o ex-ministro da Justiça, Armando Falcão. Ele estava entre os que formavam quase uma centena de personalidades que vieram de outros estados para prestigiar Aureliano Chaves. Estavam presentes o governador Luiz Gonzaga Mota, do Ceará; o ex-ministro Hélio Beltrão; os ex-governadores Tarcisio Maia, Abreu Sodre, Ney Braga e Tarcisio Buriti; o ex-prefeito de São Paulo, Olavo Setubal; o senador João Calmon (ES); e o deputado Herbert Levy (SP).

De Minas Gerais, estavam quatro ex-governadores, Magalhães Pinto, Rondon Pacheco, Ozanam Coelho e Francolino Pereira. O senador indireto Murilo Badaró, as bancadas federal e estadual, centenas de prefeitos do interior e líderes políticos de diversas regiões do estado. Dos 84 convencionais do PDS mineiro, foram computadas apenas nove ausências, destacando-se a do ministro Ibraim Abi-Ackel, da Justiça, em viagem ao exterior.